



A ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS: ASPECTOS HISTÓRICOS, FÍSICOS E SOCIOCULTURAIS.

PÂMELA TAMIRES BEZERRA FERREIRA DA SILVA

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compreender a instituição escolar através de sua historicidade, abrangendo os aspectos sociológico, físico e cultural que interferem na vivência dos jovens no âmbito educacional. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o embasamento teórico em Dayrell (1996), (2007), Reis (2012), Saviani (1999), entre outros. Também foi utilizado o método do grupo focal, o qual possibilitou a análise do perfil escolar de adolescentes de uma escola pública de Maceió-Al em 2013. Constatou-se que ao compreender os aspectos socioculturais dos adolescentes foi possível verificar que as dificuldades como a evasão, repetências, a baixa autoestima e a subestimação existente entre estes, estavam relacionados a não valorização de suas experiências informais na instituição escolar.

Palavras-chave: Escola, Jovens, Culturas.

ABSTRACT : This article aims to understand the school through its historicity covering the sociological , physical and cultural aspects that interfere in the experience of young people in the educational field . For this, a literature search was performed with the theoretical background in Dayrell (1996) , (2007) , Reis (2012) , Saviani (1999) , among others. It was also used the method of focus groups , which allowed the school profile analysis of teenagers from a public school in Maceió- Al in 2013. It was found that by understanding the sociocultural aspects of adolescents we found that hardness as evasion , repetitions , low self-esteem and the existing underestimation of these were related to non- appreciation of their informal experiences in educational institutions .

Key words : School , Youth , Culture .

INTRODUÇÃO

Qual a origem da escola? Quais os múltiplos significados existentes sob uma mesma palavra? De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, um dos principais dicionários de Língua Portuguesa adotado no Brasil, a palavra “escola” nos dias atuais apresenta diversos significados, dentre estes se pode destacar: s.f. “Estabelecimento onde se ensina; Conjunto dos adeptos de um mestre ou de uma doutrina filosófica, literária etc.; / Conjunto dos artistas de uma mesma nação, de uma mesma cidade, de uma mesma tendência; O que proporciona instrução, experiência”.

Segundo Saviani (1999, p. 95), **Escola**, em grego, significa o “lugar do ócio”. O autor ainda acrescenta que na idade média a escola era frequentada por “aqueles que dispunham de lazer, que não precisavam trabalhar para sobreviver”. Por não serem trabalhadores e possuírem tempo livre, sentiam-se ociosos. Surge, portanto, a expressão escola, como um local de ocupação da ociosidade.

Áries (1978, p. 159) acrescenta que ainda no século XV e XVI a escola era composta principalmente por “uma pequena minoria de clérigos letrados” sendo comparada pelo autor como “espécie de escola técnica” (ÁRIES, 1978, p. 176), a qual se destinava à instrução dos nobres que pertenciam ao clero. O autor menciona que nesse mesmo período até o século XVII frequentar a escola não se fazia interessante entre os jovens pertencentes à classe detentora de riqueza. O mesmo cita que “muitos jovens nobres ignoravam o colégio, evitavam a academia e se uniam sem delonga às tropas em

campanha” (ÁRIES, 1978, p. 178).

A partir de tais questões podemos nos indagar: qual de fato o significado real da escola nos dias atuais para a sociedade e os sujeitos que nela estão envolvidos? A mesma tem apresentado uma função superficial e secundária não cumprindo seu papel social ou os sujeitos que têm a tórporo dessa forma? Seria o retrocesso da escola aos tempos medievais, em que a mesma não despertava interesse aos jovens tanto da classe nobre quanto aos trabalhadores? Ou o avanço do capitalismo insiste em estabelecer normas que afastam ou reprimem os jovens em relação ao ambiente escolar? Tais questionamentos tentarão ser desvendados nos decorrer do estudo, não cabendo essa discussão apenas à visão histórica, pois a reflexão acerca da escola neste estudo vai além da apresentação da origem e/ou um panorama histórico do desenvolvimento da mesma ao longo do surgimento das classes sociais, sendo esta apenas uma abordagem inicial ao tratar-se de um local tão complexo e com múltiplos significados, considerando-se também importante para o processo científico a análise de como a escola tem se mantido na atualidade e como é representada e enxergada pelos sujeitos sociais, principalmente a geração juvenil.

A ESCOLA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Não se pode negar que a origem da escola está estreitamente ligada aos modos de produção em relação à propriedade privada, ocorrido desde a antiguidade, ainda na sociedade escravista, quanto na Idade Média com o feudalismo. No sistema medieval, de acordo com Saviani (1999, p. 95), surge a expressão latina *otium cum dignitate*, que significa “ócio com dignidade”. O ócio na escola se justifica nesse momento como um período livre, que deve ser ocupado de “forma nobre e digna”. Porém essa dignidade ainda se restringia estendida aos que detinham o poder, ou seja, possuíam propriedade privada. O termo “forma nobre e digna”, se invertido, pode revelar o real sentido da escola na sociedade medieval, como “forma digna aos nobres”.

Foi nesse período que, segundo Áries (1978, p. 159), houve crescimento na instituição escolar “[...] de leigos, nobres e burgueses”, que se afirma que em um período mais adiante, também entre as “famílias mais populares”. Essas famílias as quais o autor se refere eram os trabalhadores e camponeses do sistema feudal. Segundo Saviani (1999, p. 95), essa “maioria, portanto, educava-se pelo trabalho; só uma minoria tinha acesso à forma escolar de educação”. O termo quantitativo “maioria” correspondia aos trabalhadores. Para estes a escola era considerada uma modalidade secundária, apenas complementar, pois a modalidade principal se constituía no trabalho.

A inclusão dos trabalhadores na escola ocorreu mediante o surgimento de uma nova classe social. Zen (2007, p. 1) menciona que “o direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidava no poder: a burguesia”.

O direito de frequentar a escola surge com os interesses do sistema capitalista. Se outrora a mesma era vista como secundária ou sem importância para o desenvolvimento, com o advento da sociedade burguesa, torna-se exigida e universalizada ainda na educação básica.

A partir da época moderna, o conhecimento sistemático - a expressão letrada, a expressão escrita - generaliza-se dada as condições da vida na cidade. Eis porque é na sociedade burguesa, que se vai colocar a exigência de universalização da escola básica (SAVIANI, 1999, p. 96).

Anteriormente, no feudalismo, a importância dada aos trabalhadores estava voltada à mão de obra dos mesmos na agricultura e o trabalho braçal com a terra. Com o surgimento do capitalismo, inicia-se também a utilização de máquinas que aceleravam o processo de produção e, por conseguinte, aumentando a obtenção do capital. No entanto, eram exigidos conhecimentos intelectuais para ser exercido na indústria.

Saviani (1999, p. 96) afirma que a diferença entre a sociedade medieval e burguesa se dá na medida em que esta “não pode ser considerada uma classe ociosa”. Partindo desse viés, a escola deixa de ser considerada um local de ócio e passa a ser desenvolvida de acordo com as exigências da sociedade em prol do desenvolvimento em torno do capital.

A partir do século XIX, a educação desenvolve-se de forma dualista e seletiva, o que incluía classes sociais, gênero e faixa etária. Para Zen (2007, p. 1), atualmente a escola é vista como “organização do sistema educacional e inspirado no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado”. A afirmação do autor pode ser visualizada na própria constituição Federal de 1988 em seu artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Porém, apesar da escola atualmente ser definida como essencial no desenvolvimento social, há os que discordam de sua importância histórica na sociedade. Segundo Saviani (1999, p. 96), “[...] há até mesmo aqueles que consideram a escola negativa, do ponto de vista educacional”. O autor se refere aos pensamentos de Ivan Illich [i]e o define como “principal mentor” da proposta de desescolarização, ideia esta ainda defendida nos dias atuais por uma grande parte de seus seguidores.

Em relação às propostas de Illich, Savini (1999, p. 99) faz críticas: “[...] ela provém dos já escolarizados, os quais já se beneficiaram daquilo que a escola poderia oferecer e, portanto, não seriam atingidos pela desescolarização”. O autor acrescenta que essa proposta é a negação completa da própria escola e explica que “esta visão na sua radicalidade, no seu extremo, tal como formulada por Illich, está um pouco atenuada, está em refluxo”. (SAVINI, 1999, p. 96). Concordamos com a afirmação do autor, pois a escola na contemporaneidade tem se tornado alvo de debates em torno de sua importância social na formação e desenvolvimento dos sujeitos. Como pode ser verificado, além da Constituição de 1988, o direito à escola e à educação em suas diversas modalidades é garantido e regulamentado por mais duas leis: o Estatuto da criança e adolescente - ECA (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (1996) .

Áries (1978, p. 6) também realiza críticas à escola, não tão radical quanto Illich, mas discute que as crises juvenis existentes poderiam decorrer da “consequência do isolamento prolongado dos jovens na família e na escola”. Trata-se do chamado enclausuramento, explicado na fala do próprio autor: “[...] a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio.” O autor ainda afirma que inicia um processo de “enclausuramento das crianças”, no qual se referia à escolarização que se estende até os dias atuais (ÁRIES, 1978, p. 5).

Discordamos do autor, pois a questão não é o “isolamento na escola”, e sim o “isolamento da escola”, quando o jovem a deixa de frequentar por não a achar interessante ou sentir-se desestimulado, entre outros diversos fatores que ainda não são frequentemente analisados na sociedade. Tal discussão será abordada mais adiante, com a percepção dos próprios jovens acerca da instituição escolar (tópico 2.4).

Confrontando com o pensamento de Áries (1978), trazemos também os questionamentos de Pereira (2010, p. 11) acerca da escola: “o isolamento de crianças e jovens permitiu a esses um contato maior entre si”. Dessa forma, o espaço escolar sendo o local onde há uma enorme diversidade sociocultural, principalmente nas instituições públicas, proporciona a chamada “[...] sociabilidade juvenis e infantis específicas que passaram a ter a escola como referência.” (PEREIRA, 2010, p. 11).

[...] ocorreria hoje um processo inverso em que os jovens e as crianças, que foram isolados desde o início dos tempos modernos para passarem por um período de formação moral e intelectual separado da sociedade dos adultos, recriaram tal espaço com suas novas demandas e práticas (PEREIRA, 2010, p. 11).

ESTRUTURA ESCOLAR: ESPAÇO FÍSICO E CULTURAL

Na discussão anterior em relação à escola, através da abordagem histórica e social, foi permitido observar a mesma através de vários ângulos e pensamentos, sejam estes positivos ou negativos. Em relação ao espaço escolar, será analisada a importância tanto do espaço físico e o sociocultural.

Os aspectos físico e arquitetônico apresentam funções não apenas de socialização quanto pedagógicas. Para Dayrel (1996, p. 13), “O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa”. O autor supracitado complementa a discussão acerca do espaço físico juvenil quando menciona que o espaço físico da escola “é o cenário onde se desenvolvem o conjunto das relações pedagógicas, ampliando ou limitando suas possibilidades.” À medida que o espaço favorece a realização de múltiplas atividades, possibilita a ampliação do processo de ensino-aprendizagem.

Na escola observada, foram realizadas duas caracterizações acerca do espaço escolar. A primeira referente à estrutura física geral; e a segunda no ambiente da sala de aula dos adolescentes observados. Será analisado, em ambos os espaços, os elementos, organização, rotina, relação aluno-aluno e aluno-professor.

Numa caracterização geral, pode-se verificar que a instituição escolar em sua estrutura física é composta por 10 salas de aula referente às atividades de ensino; 1 sala de vídeo; 1 sala de recursos, destinada aos alunos que necessitam de acompanhamento especializado; 1 laboratório de aprendizagem direcionado ao reforço escolar; laboratório de informática; sala de leitura; refeitório; secretaria; coordenação; sala dos professores; 2 banheiros masculino / feminino e pátio interno e externo.

A escola possui três corredores de sala de aula. O primeiro localiza-se próximo ao portão central, constituindo-se de salas das turmas dos quintos anos A e B, a cantina, o banheiro feminino, a sala de recursos e o laboratório de aprendizagem. O segundo corredor dá acesso à sala de vídeo e às salas do 3º e 4º anos. No terceiro e último corredor, são localizadas a sala dos alunos observados, a sala da turma do 5º ano observada neste estudo, a sala da coordenação, o banheiro masculino e os bebedouros. Como observado nos outros corredores 1 e 2, as salas de aula eram próximas, havendo um maior contato entre os alunos de diferentes turmas. Todavia, a única turma a qual não tinha aproximação com as demais, era justamente a que era considerada problemática.

A seguir, para compreendermos etnograficamente a utilização dos espaços escolares pelos alunos, a rotina vivenciada e até mesmo os aspectos pedagógicos defendidos por Dayrell (1996), iremos realizar um breve relato.

No primeiro dia de aula, ao tocar o primeiro sinal às 07h30min., os alunos locomovem-se para o pátio principal onde formam uma fila, cada turma na porta do corredor de sua respectiva sala, assim denominados corredor 1, 2 e 3. Alguns vão em direção ao bebedouro e ao banheiro, enquanto outros permanecem na fila. No corredor 3, já se faziam presentes alguns adolescentes, sem fardamento e com bonés. Como regra do colégio, a diretora exige que o aluno retire o boné, havendo naquele momento um primeiro conflito entre ambos. O aluno inicialmente se recusa, finge não escutar, colocando os fones no ouvido. Após a gestora insistir, o aluno cede, o mesmo sorri para os demais numa forma de ironizar com a mesma, que continua a exigir que o aluno no dia seguinte compareça com a farda. Ao soar o seguinte toque, significa que é o momento dos alunos irem para a sala regular de atividades. Este corresponde ao primeiro contato com a professora, visto que ainda não havia professora devido à carência de profissionais efetivos. Os alunos vão à sala em fila e já demonstram conhecer bem os espaços e rotina da escola, pois foram alunos da mesma instituição nos anos anteriores.

A segunda caracterização é a específica, que traz elementos observados na sala de atividades regulares, como se processava a rotina dentro desse espaço, como estão organizados e a interação existente entre os alunos e a professora que ainda iriam conhecer, como pode ser observado na descrição a seguir apresentada.

A sala de aula correspondia a um espaço amplo, não havia janelas, diferente das demais salas. Entretanto, havia comungós e dois ventiladores tornando a sala arejada. Localizava-se em frente ao local onde os alunos menores brincavam, o que atrapalhava a concentração desses estudantes, principalmente quando o espaço era utilizado por outras turmas no momento das aulas de educação física. Havia um quadro para giz e pincel, e as carteiras posicionavam-se enfileiradas. Inicialmente, nas aulas, quando eram solicitados a formar um círculo para discussão, estranhavam e perguntavam se não iria haver aula, pois para eles aula não era baseada em discussão, apenas em escrever o que era posto no quadro. Às 9h era o momento de se locomoverem ao refeitório, ainda não era o intervalo e sim o momento da merenda. Iam e voltavam enfileirados, o que incomodava a maioria dos adolescentes que achavam esse procedimento infantil. Retornavam para sala e aguardavam o sinal tocar para anunciar o intervalo, que era o momento mais esperado na escola, pelo fato de ser um momento ímpar para socialização e interação com os demais alunos, pois sentiam-se isolados, não tinham contato com alunos de outras turmas a não ser no horário do intervalo.

É nesse momento que se iniciam as interações sociais, os grupos se formam, os que vão jogar bola com alunos de outra turma, os que vão bater papo, momento de paquera, troca de olhares e sorrisos e os que querem curtir um som. Mas também havia os momentos de conflito, as ameaças, o momento de intimidação aos alunos menores, numa forma de impor respeito ou até mesmo vantagens. O intervalo corresponde ao tempo de 20 minutos. O primeiro toque refere-se ao momento em que os alunos devem ir ao bebedouro ou banheiro, enquanto o segundo toque ao momento de formar a fila para retornar à sala de aula acompanhada da professora.

Segundo Dayrell (1996), os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. Além do espaço físico e arquitetônico da escola, o autor acrescenta a definição do espaço sociocultural da escola.

[...] significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano [...] Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 1996, p. 1).

O autor menciona que a escola é constituída de sujeitos sociais distintos, seja em relação à cor, gênero, idade, cultura(s). Segundo Dayrell (1996, p. 1), a escola constitui-se, portanto, de “seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história”.

Compartilhando dessa perspectiva, Reis (2012, p. 135) destaca “a juventude como categoria sociocultural não homogênea”, e descreve o espaço escolar como um “[...] lugar de expressão de uma multiplicidade de modos de ser jovem”, ou seja, a escola é o local onde esses sujeitos plurais vivenciam suas diferenças, seus estilos, modos e

comportamentos, independente de definição de idade, mas sim pela “[...] composição plural, que inclui dimensões históricas, culturais, econômicas e políticas (REIS, 2012, p. 135).

Ao analisar esses espaços escolares, compreende-se o quanto a escola é importante aos sujeitos apresentando para estes múltiplos significados tanto no seu aspecto físico quanto cultural. Entretanto, ao finalizar a discussão acerca desses espaços, percebemos o quanto não são aproveitados como se deveriam, principalmente em relação à escola básica. É perceptível, na educação infantil, uma preocupação voltada ao espaço escolar. Entretanto, a partir do ensino fundamental, as discussões não se tornam frequentes, como se o espaço físico se restringisse apenas a crianças pequenas e/ou a acessibilidade dos deficientes.

Uma escola verdadeiramente inclusiva vai além disso. É quando os seus espaços são pensados em seus detalhes, sendo locais que atraíam os olhares dos alunos, pois como afirma Moreira (2005, p.8) em sua tese de doutorado, a “Arquitetura do edifício interfere no desempenho das práticas pedagógicas e na empatia do aluno com o espaço oferecido”. Vimos que o espaço físico da escola observada compreendia um espaço com recursos interessantes. Entretanto, apenas o laboratório de informática atraía os adolescentes. Havia empatia dos alunos em relação a outros locais, como sala de vídeo e leitura, pela falta de estrutura desses espaços.

É importante que a escola esteja atenta aos espaços que são proporcionados aos seus alunos, para que estes não tenham um olhar de desinteresse na frequência desse local e em relação ao desenvolvimento dos estudantes, sendo possível a criação de conhecimento e laços afetivos, caso contrário a escola se tornará um local sem significados e dispensável no processo de ensino-aprendizagem.

ENTRE EVASÃO, REPETÊNCIAS E A VERGONHA DE “SER ADOLESCENTE” NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Posteriormente, ao analisarmos o perfil dos adolescentes que participaram deste estudo, observamos que eles achavam positivo a forma de se diferenciar dos demais alunos da escola destinada ao ensino fundamental I, seja pela forma de atrair olhares ou serem considerados os diferentes, extravagantes ou tops, assim definidos por estes como o que era ter estilo. Todavia, pôde ser observado que havia certo constrangimento por parte dos alunos na própria instituição e fora da mesma. Na escola, sentiam-se excluídos de atividades que muitas vezes fugiam ou não correspondiam às suas idades ou a suas expectativas. Quando não se interessavam, eles não participavam, sendo a idade ou estatura física alegada como um fator que impedia a socialização com as demais turmas, até mesmo com as outras turmas de 5º ano que possuíam alunos com idade e estatura menor.

Fora da instituição escolar, ao realizar atividades de campo ou no próprio complexo educacional com outros colégios, sentiam constrangimento em representar a escola, recusando-se a fazerem as tarefas propostas ou de serem vistos utilizando a farda com a qual eram identificados como aluno do ensino fundamental I.

A turma de 5º ano inicialmente possuía ao todo 31 matriculados, havendo a desistência de três adolescentes ainda no início do ano letivo do ano de 2013, como pode ser descrito na fala de um aluno: “[...] uma fugiu com o namorado e outro pra ir trabalhar com o pai dele. Outro saiu correndo véio. Parece que tava correndo da polícia. (risos)” (Adolescente A/15 anos).

O primeiro aluno a desistir foi um adolescente de 13 anos, que só obteve presença durante a primeira semana de aula. As notícias referentes ao motivo da desistência do aluno foi que o mesmo estava auxiliando o seu pai na venda de água mineral. A segunda aluna desistente, também com idade de 13 anos, obteve frequência de apenas um mês, o motivo declarado foi que iria morar com o namorado em um bairro distante da instituição de ensino. O terceiro aluno a desistir tinha 15 anos. Seu primeiro dia de aula foi no mês de maio de 2013, o qual veio acompanhado da mãe e a mesma relata que não tinha conhecimento de que as aulas tinham iniciado, sendo que o ano letivo dessa turma iniciou no mês de março. A mãe garantiu que o aluno não iria mais faltar, sendo que a segunda presença do aluno, depois desse dia, foi após o recesso escolar, no mês de julho, no qual retornou acompanhado com a mãe novamente. Durante a conversa, o aluno sai de cena correndo do local em que se fazia presente. A mãe foi então buscá-lo e não mais voltaram.

Além dos educandos desistentes na turma, também ocorria o problema da evasão, com duas adolescentes, ambas com 13 anos de idade e um adolescente de 14 anos. Esses alunos, por possuírem frequência inferior a 75%, segundo a LDBEN 9.394/96, art. 24, inciso VI, devem ser retidos por não obterem a carga letiva anual exigida.

Uma das alunas possui pais separados, existindo um conflito e desencontro de informações entre estes, que atrapalham na frequência da aluna. A segunda adolescente possui uma enorme dificuldade de relacionamento com os colegas, é agressiva e demonstra ter vergonha de estudar no colégio pela idade e por já demonstrar sinais de puberdade. Ela passou um período sem comparecer às aulas, pois estava com suspeita de gravidez. O terceiro adolescente evadido falta com muita frequência. Ao ser comunicado à mãe, ela se surpreende ao saber que o filho estava faltando às aulas,

porém o problema de sua evasão persistiu.

Ao realizarmos os relatos e analisar a turma, constatamos os diversos problemas existentes, como atitudes etnocêntricas, alto índice de reprovação e evasão escolar. Sabe-se que não é a única do estado que representa esses indicadores. São adolescentes e jovens que futuramente, em sua maioria, poderão nem sequer concluir o ensino médio. Por conseguinte, as estratégias do governo como EJA, Proune, ProJovem, entre outros, ou seja, os programas e políticas sociais e educacionais discutidos anteriormente entram em cena com o objetivo de amenizar os problemas e falhas ainda acarretados durante a educação básica.

Aprofundando as características individuais dos alunos referentes ao alto índice de reprovação, pode-se verificar que na turma havia um número expressivo de alunos já reprovados em anos anteriores, como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Índice de reprovação ensino fundamental

Reprovação	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Sexo Masc.	-----	-----	4	1	6
Sexo Fem.	-----	-----	5	2	5

Os adolescentes do sexo masculino que já foram reprovados nas séries/anos anteriores correspondem ao total de 11, sendo divididos em quatro reprovados no 3º ano, apenas um no 4º ano e seis no 5º ano. Entre os do sexo feminino, corresponde ao total de 12, sendo cinco retidas ainda no 3º ano, duas no 4º ano e cinco no 5º ano. A quantidade é bastante aproximada entre ambos os sexos. Pode-se verificar que na turma dos 31 matriculados, retirando os 3 desistentes no início do ano letivo, dos 28 que deram continuidade até o fim do ano letivo de 2013, ao todo são 23 alunos que já foram reprovados em anos anteriores. Vale ressaltar que no geral os 3 alunos reprovados no 4º ano, que o motivo provavelmente se referia à desistência ou evasão escolar com o alto índice de faltas, pois nesse ano só pode ser retido se ultrapassar o limite da frequência permitida.

Pela faixa etária dos alunos, correspondendo entre 13 a 15 anos, constata-se que muitos poderiam já estar cursando o primeiro ano do ensino médio e, no entanto, pela quantidade de vezes de reprovação, ainda se faziam presentes no 5º ano do ensino fundamental I. Para abordar a quantidade de reprovação existente entre esses alunos, foi realizada uma nova pergunta, referente à quantidade de vezes em que já foram retidos.

Tabela 2 – Retenção de alunos

Quantidade	1 vez	2 vezes	3 vezes	Nenhuma
Sexo Masc/Fem	20	2	1	5

Dos 28 entrevistados, incluindo os sexos masculino e feminino, pode ser observado que 20 já foram retidos pelo menos uma vez, 2 alunos duas vezes consecutivas e apenas uma que foi reprovada 3 vezes em séries diferentes. Apenas 5 alunos da turma nunca foram reprovados.

ADOLESCENTES X ESCOLA

Os adolescentes entrevistados, mediante as consecutivas reprovações e diante disso, encontraram-se fora de faixa etária em relação à turma de 5º ano a qual ainda estudavam, ou seja, conviviam diariamente em um ambiente pensado em seus aspectos físicos e pedagógicos para crianças do ensino fundamental I. Dessa forma, direta ou indiretamente, eram inibidos em ter atitudes juvenis ou expressarem seus estilos e culturas. Sentiam-se rejeitados e desmotivados pela própria instituição escolar.

Apesar de todas as problemáticas existentes no espaço observado, ao perguntar o que significava a escola para esses sujeitos, algumas respostas são direcionadas em sentidos positivos, como pode ser observados a seguir: “nossa casa!”, “minha segunda casa”. “Pra gente vim pra aprender”, “Nosso futuro”.

Os alunos compreendem a importância da escola no desenvolvimento dos mesmos, entretanto não enxergam uma importância vinda da escola para com estes, como se não fizessem parte integrante desse espaço, como pode ser visualizado na fala de um aluno: “por ser uma escola de ensino fundamental antes não valorizavam os adolescentes que ainda estudavam aqui [...]” (Adolescente G/15 anos). Diante da fala do aluno, trazemos também o questionamento de Dayrell (2007, p. 1107)

[...] em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas

pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil.

As respostas também expressam a negatividade em relação a violência existente nesse espaço, demonstrando portanto, o quanto imperava atitudes etnocêntricas entre os estudantes, como pode ser verificado na fala do aluno: “[...] As escola tá pior que uma cadeia, grade em todo lugar, briga, tapa, soco” (Adolescente G/15 anos).

Entretanto, o conflito existente nesse espaço, não se restringia apenas ao alunado, percebe-se que em relação aos funcionários e gestores também não havia boa convivência com os adolescentes, conforme demonstrado em suas falas: “A diretora e merendeira pegam muito no nosso pé” (Adolescente B/14 anos); “Acho que elas deveriam ter mais respeito com a gente do que a gente com elas” (Adolescente C/ sexo feminino); “A diretora por causa de besteira já quer da logo suspensão” (Adolescente A/15 anos); “Tem diretor que ameaça de da suspensão, de transferir de escola [...]” (Adolescente D/ 14 anos); “Não. Tipo na merenda, tavam jogando comida, ela veio me acusar eu disse que não foi eu, ela me esculhambou e eu esculhambei ela também. (Adolescente A/15 anos). “Pra que pegar no pé de nós alunos? pra que fazer esse meio mundo? tem professora que manda a gente calar a boca, né mais fácil mandar falar um pouco mais baixo? (Adolescente A/15 anos). “Aqui na escola os funcionários da escola... mais ou menos, porque tem uns que quer pisar nos alunos, querem mandar na gente. (Adolescente B/14 anos); “Vida de aluno não é fácil, Tinha professora que ameaçava reprovar o aluno. Educação da poxa viu, ameaçar a gente! Vão pra uma porra.” (Adolescente A/15 anos).

Os alunos criticam o fato de não serem motivados a frequentarem e/ou permanecerem na escola. A seguir, na fala dos próprios entrevistados, citam as causas que os levaram a serem desmotivados a frequentarem o espaço escolar, como a violência, os currículos que negavam a identidade cultural dos alunos e que de certa forma tornava-se enfadonho. Vejamos: “Pra que tanta escola pra gente estudar se não tem motivação pra nós estudar?” (Adolescente A/15 anos); “Ah! Ficava enjoado de estudar, ficava dormindo na sala de aula, depois desisti, dava sono, a aula não era interessante”(Adolescente G/ 15 anos); “Não era divertido, esse ano a professora é legal, Ela fez varias coisas, organizou passeios e também as aulas dela são animadas, ótimas (Adolescente C/13 anos); “Por causa do bullying e brigas que tinha na escola”. (Adolescente J/13anos); “Por causa de preguiça. Não gostava e tinha que acordar cedo. Achava chato, hoje não acho mais.” (Adolescente I/14 anos).

Segundo Dayrell (1996, p. 23), “O que dá sentido e motivação são as notas, os possíveis pontos que vão ganhar com cada uma das atividades passadas pelo professor”.

Outra questão que vale ser ressaltada refere-se à dificuldade da escola em relação ao currículo e atividades realizadas com os alunos, as quais não despertam o interesse. Dayrell (1996, p. 27) critica que nas escolas “[...] o que é oferecido aos alunos é uma versão empobrecida, diluída e degradada do conhecimento.” Esse fato já vem sendo discutido no decorrer deste estudo. O currículo com a negação da identidade cultural dos alunos ou que não apresenta significados, como também o ensino oferecido nas escolas que tem sido ofertado de forma repetitiva e tradicional, pois o que de fato é assistido na escola decorre apenas da preocupação na transmissão de conteúdos.

Os alunos se veem reprimidos e temerosos às praticas avaliativas aplicadas, pois, como já vimos anteriormente, a maioria dos educandos acumula reprovações consecutivas, o que fazia com que eles demonstrassem tensão em relação ao momento da avaliação e nas expectativas das notas exigidas pela família: “Se eu repetir de novo vou levar uma pisa” (Adolescente B/14 anos).

Ao questionar aos adolescentes quais as perspectivas de futuro referente à escolarização e o processo de ensino aprendizagem, uma das respostas destacadas refere-se a valorização dos aspectos culturais dos alunos, o que reforça a necessidade de fato de discussões a partir de um olhar multicultural. “Incentivar mais o aluno em cima do teatro, peça, em cima do rap e eu tenho certeza que com essas coisas nenhum aluno ia querer ficar em casa”. (Adolescente A/15 anos); “O que aproximaram da escola, ter convívio legal e coisas interessantes” (Adolescente I/14 anos).

As considerações em torno do adolescente e da escola realizada até o presente momento nos revela que há de fato um atrito existente entre ambos. Afirmamos isso baseado tanto na literatura consultada quanto no olhar vivenciado na escola observada e através dos grupos focais realizados. A escola no ponto de vista dos adolescentes foge da realidade social vivenciada por eles, o que completa por reforçar o desinteresse, a evasão escolar, desistências, as consecutivas reprovações. Além de todas as problemáticas educacionais citadas, ingressam também nesse cenário as atitudes etnocêntricas que não têm se mantido impermeável apenas ao contexto social, atravessando os muros da instituição escolar e exercendo nesta entraves educacionais.

Como afirma Laraia (1988, p. 75), o etnocentrismo “[...] é responsável em seus casos externos pela ocorrência de numerosos conflitos. Estes, citados pelo autor, são perceptíveis na escola, porém em sua maioria, negados pela forma omissa da não intervenção pedagógica. Envolve desde a formação dos docentes até as práticas aplicadas em sala de aula como, por exemplo, o planejamento pedagógico, a construção do currículo, o uso de instrumentos metodológicos e a utilização do livro didático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que todo esse processo vivenciado e percorrido na instigante problematização acerca da forma como os adolescentes têm visualizado e vivenciado o espaço escolar, seja em relação à estrutura física, à socialização, as notas, os conflitos juvenis e sociais, as abordagens históricas e socioculturais trazem à tona questionamentos ou procura de soluções. Portanto, não cabe inventar aleatoriamente “porções mágicas” ou culpados pelo insucesso escolar se não analisar os verdadeiros atores e suas atuais condição juvenil, suas necessidades, expectativas e desafios.

É imprescindível que a escola conheça os alunos e trabalhe despertando a criticidade destes, como também a mediação entre a comunidade escolar e o meio informal e com isso a valorização e o respeito da identidade cultural, caso contrário, a escola não estará cumprindo a sua função social promovendo dessa forma o fracasso escolar, não só referente aos conteúdos no processo de ensino-aprendizagem, mas como também as interações sociais vivenciadas no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, P. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p.1105-1128, out. 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MOREIRA, Nanci S. **Espaços educativos para a Escola de Ensino Médio: Proposta para as escolas do Estado de São Paulo**. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2005.

PEREIRA, A. B. **“A maior zoeira”: experiências juvenis na periferia de São Paulo**. São Paulo: USP, 2010. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, 2010.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo, Autores Associados, 1999.

[1] Defensor da desescolarização dos sujeitos sociais. Ver sua obra mais famosa *Sociedade Sem Escolas*. ILLICH, Ivan, *Sociedade sem escolas*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1977

Mestranda em Educação, graduanda em serviço social e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Email: pamelaufal@hotmail.com

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: